

O Progresso do Tocantins: capítulos para além do Maranhão¹

Thays Assunção REIS²

Doutoranda

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal do Tocantins, UFT

Rodrigo Nascimento REIS³

Doutorando

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Quando ainda havia indefinições de onde seria a capital do mais recente estado brasileiro, o Tocantins, o jornal *O Progresso* situado na cidade de Imperatriz (no sudoeste do Maranhão) apostou que Araguaína teria condições de ser escolhida como capital e por isso fundou lá em 1990 um impresso intitulado *O Progresso do Tocantins*. Este artigo, portanto, registra esta iniciativa editorial buscando compreender esta expansão, suas características e motivos do encerramento. Por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas e análise documental, percebemos como a situação geográfica, política e econômica pode interferir na fundação de um veículo. Além disso, o modo como *O Progresso do Tocantins* investiu em Araguaína fez do veículo um importante vetor de comunicação regional atraindo a atenção de políticos e empresários.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Jornalismo Regional; O Progresso do Tocantins; Imprensa.

Introdução

A década de 1970 inaugura em Imperatriz um novo tempo. A cidade, antes considerada “Sibéria Maranhense”, passa a receber nesse momento pessoas de diferentes lugares do país e vários empreendimentos. A construção de estradas e, principalmente, da rodovia Belém-Brasília possibilita a saída de Imperatriz da condição de isolamento territorial, e sua respectiva projeção como um dos principais municípios do Estado.

Segundo Franklin (2008), a implantação das Centrais Elétricas do Maranhão (Cemar) e a expansão do ciclo econômico da madeira contribuem para que Imperatriz experimente na década de 70 seu maior crescimento econômico e populacional. “Nesse

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: thays.jornalista@gmail.com

³ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF). E-mail: rodrigoreisitz@gmail.com

período, a população saltou de 80.827 habitantes, contados pelo IBGE em 1970, para 220.469, totalizados pelo Censo de 1980” (FRANKLIN, 2008, p.143).

Como parte desse processo de desenvolvimento, Imperatriz incrementa seus veículos jornalísticos. São instaladas as primeiras emissoras de rádio e televisão, e criados novos jornais no município. Dentre os impressos fundados nesse contexto, *O Progresso* é com certeza um dos mais relevantes para a história da imprensa imperatrizense.

Fundado em 3 de maio de 1970 pelo empresário gráfico José Matos Vieira e pelo jornalista Jurivê de Macedo, *O Progresso* é o impresso mais antigo em circulação de Imperatriz – completa 50 anos em 2020. Em seus primeiros anos, ele era semanal – circulava aos domingos - possuía quatro páginas e tinha um formato 32 x 43 cm (SANCHES, 2002). Posteriormente, o jornal passa a ser bissemanal, e em 1979 torna-se diário com um número de páginas variando entre oito e 12 páginas (CARVALHO, 2016).

Até o início de 2020, *O Progresso* circula de terça-feira a domingo com 16 páginas divididas em dois cadernos e oito editorias: Política, Polícia, Cidade, Regional, Esporte, Geral, Justiça e Tocantins. Na edição de final de semana, o impresso chega a possuir 30 páginas devido à presença do suplemento literário Extra e do Caderno de Domingo. A tiragem do impresso, conforme informações no site do veículo, é de 5.300 mil exemplares de terça-feira a sábado.

Quanto à administração do diário, ela é formada por Sergio Antonio Godinho (presidente e proprietário), Sergio Henrique Godinho (diretor superintendente) e Illya Nathasje (diretor comercial). O veículo ainda possui uma equipe de reportagem constituída por três profissionais: o editor-chefe, Coriolano Miranda Rocha Filho, o repórter especializado na editoria de Polícia e Esporte, Dema de Oliveira e o repórter e colunista, William Marinho.

Um dos aspectos pertinentes a considerar sobre *O Progresso* é o seu alcance e produção regional. Ele é distribuído tanto em Imperatriz, como em municípios do oeste do Maranhão e do norte do Tocantins, mais precisamente na região do Bico do Papagaio. Além disso, o impresso já apresentou ao longo de sua trajetória iniciativas mais arrojadas de regionalização. É o caso dos jornais *O Progresso do Tocantins*, fundado em Araguaína (TO) em 1990, e o *Diário Tocantinense*, criado em Palmas (TO) em 1997.

A descoberta da existência desses títulos motivou a realização do presente artigo sobre *O Progresso do Tocantins*, visto que o veículo circulou em Araguaína durante sete

anos (entre 1990 e 1997). Nosso objetivo é registrar, ainda que de forma introdutória, a experiência do jornal *O Progresso* no estado vizinho, destacando as motivações para criação e encerramento das atividades do jornal, assim como, sua produção jornalística e características editoriais.

Para alcançar o objetivo deste trabalho, construímos um arcabouço metodológico formado por: 1) pesquisa bibliográfica, 2) entrevistas e 3) análise documental. A pesquisa bibliográfica se fez necessária para revisar as principais obras sobre a história de Imperatriz e jornalismo regional. As entrevistas foram realizadas em fevereiro de 2019 com o proprietário do jornal *O Progresso* (Sérgio Godinho) e o diretor comercial (Illya Nathasje) para entender a criação e o funcionamento do impresso. E a análise documental consistiu na consulta dos primeiros exemplares do *Progresso do Tocantins* conservados na sede do *Progresso* em Imperatriz com o intuito de identificar as “marcas” editoriais do jornal.

Como se situa o jornalismo regional

O jornalismo regional, também conhecido como do interior, caracteriza-se por apresentar uma “maior proximidade geográfica em relação aos fatos que reportam, com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz” (AGUIAR, 2016, p.17). Por isso, a proximidade é apontada como o elemento distintivo da prática jornalística desenvolvida fora dos grandes centros urbanos.

A proximidade, no entender de Fernandes (2013), é um dos critérios de noticiabilidade mais fortes na produção jornalística do interior, visto que a força integrativa e identitária dos veículos das cidades de pequeno e médio porte está na notícia de proximidade. Conforme o autor:

Para um profissional atuante no jornal do interior, a proximidade, associada à atualidade, prevalece no momento de seleção de uma notícia. Depois se agregam outros elementos, como importância, tamanho etc. Uma notícia sobre alguma medida tomada pelo governo federal pode ser atual, importante e se enquadrar nas medidas disponíveis na página, mas será descartada se não tiver um elemento de interesse estritamente local (FERNANDES, 2013, p. 115).

Beatriz Dornelles (2010) compartilha do mesmo entendimento ao afirmar que a proximidade é um dos elementos da notícia mais importantes para a imprensa do interior. Ela “trata de comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores com o

objetivo de conseguir a fidelização dos públicos” (DORNELLES, 2010, p.239). É por isso que os periódicos interioranos priorizam em suas páginas as informações locais que despertam rapidamente o interesse dos moradores que residem na cidade-sede do veículo.

Além da proximidade presente nas notícias, alguns autores entendem o jornalismo regional a partir da área de atuação dos veículos. É o caso do geógrafo Milton Santos (1955[2007]), que classificou o jornal regional como aquele capaz de circular e atender uma respectiva área territorial. Wilson da Costa Bueno (2013) também compartilha do mesmo entendimento, ao afirmar que o jornal regional objetiva exercer sua influência “numa determinada região, abarcando, portanto, com sua circulação e cobertura, algumas cidades ou municípios” (BUENO, 2013, p. 45-46).

Avançando nesse debate, Pâmela Pinto (2015) apresenta uma subdivisão da mídia regional brasileira baseada em três escalas de estudo: a) *Supraestaduais* – formadas por grupos ou veículos de mídia cuja atuação ultrapasse os limites do Estado de origem; b) *Estaduais* – agregam grupos ou veículos cujas atuações coincidem com os limites do Estado; c) *Subestaduais* – compostas por veículos e ou grupos de abrangência mais restrita, com cobertura pontual em alguns municípios.

Nessa mesma direção, Sonia Aguiar (2016) classifica os jornais regionais brasileiros em três tipos: 1) *Regional-supraestadual*: são grupos de mídia cuja atuação ultrapassa os limites do seu Estado de origem para estados contíguos, seja por meio da propriedade de veículos ou parcerias em diferentes localidades; 2) *Regional-estadual*: representam os grupos sediados em capitais de Estados que possuem pelo menos um título de jornal com circulação na maior parte do território estadual; 3) *Regional-subestadual*: corresponde aos grupos que possuem pelo menos um título de jornal sediado em uma região metropolitana fora da capital do Estado ou em uma cidade-polo de região econômica reconhecida.

Por sua vez, Jacqueline Deolindo (2016) compreende a regionalização dos veículos jornalísticos em três camadas estreitamente relacionadas: a) área de cobertura jornalística (aquela em que os jornalistas mais frequentemente realizam reportagens); b) a área de negociação publicitária (corresponde aos espaços em que estão localizados os anunciantes habituais de determinada mídia); e c) a área de circulação ou alcance (refere-se aos locais em que os veículos estão presentes).

A autora ainda explica que no caso dos jornais impressos, a área de circulação é a mais ampla, a área potencial de exploração de receitas é menor do que a primeira, e a área de reportagem fica restrita prioritariamente à cidade sede do jornal. Já os sites de notícias exibem uma área de alcance mais abrangente e “uma área de apuração mais ampla do que a de exploração de receitas, visto que o mercado é altamente localizado” (DEOLINDO, 2016, p. 270) e as notícias não se limitam à cidade em que o portal está sediado.

Ao tratar da função do jornalismo regional, Deolindo (2013) afirma que ele preenche a lacuna de informação deixada pela prática jornalística nacional e estadual referente à multiplicidade de acontecimentos que ocorrem no país. Os jornais regionais e locais, juntamente com os portais de notícias regionais, “publicam notícias de interesse direto e próximo da comunidade, ao mesmo tempo, em que reproduzem informações dos grandes centros para manter o público informado do que se passa [lá fora]” (DEOLINDO, 2013, p.7-8).

Dialogando com essa perspectiva, Dornelles (2004) afirma que o jornalismo do interior é muito mais comportamental do que estrutural, sendo guiado por uma “política de vizinhança, a solidariedade, o coletivismo, os valores, a moral, a fé religiosa, o respeito humano e a cultura de pequenas populações” (DORNELLES, 2004, p.132). Além disso, a filosofia editorial dos jornais é comunitária, ou seja, tem como objetivo central a produção de matérias que atendam aos anseios e reivindicações da comunidade.

A partir desta leitura percebe-se que o jornalismo regional se configura como uma prática que extrapola os limites territoriais da sede dos seus veículos e alcança outras localidades, seja pela sua cobertura, presença, captação de receitas ou mesmo publicação de conteúdo. Além do mais, ele permite com que cidades pequenas, desprovidas de meios de comunicação tradicionais ou outros canais de informação, tenham acesso a notícias sobre seu próprio cotidiano e da sua região.

A experiência com o jornal O Progresso do Tocantins

O jornal *O Progresso do Tocantins* tinha veiculação semanal na cidade de Araguaína. A primeira edição é referente aos dias 30 de julho a 5 de agosto de 1990. Desse modo, cada publicação indicava a semana dos acontecimentos cobertos pelo jornal. De maneira particular, olhar para esta primeira edição torna-se estratégico para entender os rumos que o próprio jornal fala de si como proposta de jornalismo. Assim, temos na

capa da edição nº 1 um editorial com título: “Bom Dia Tocantins”. Nele, o impresso introduz noções de cidadania falando sobre direitos e deveres e sinalizando a existência de políticos que estratificam esses direitos em função de interesses próprios. Nesse caminho, o jornal se coloca como intermediador e vigilante dos direitos do cidadão:

É nessa luta diuturna e constante, em defesa desses inalienáveis direitos da pessoa humana, especialmente o cidadão comum, que a imprensa, como um todo, deveria se integrar. Infelizmente, em muitas ocasiões isso não ocorre. E, para juntar-se a esse cidadão sofrido e desamparado para lutar por seus direitos, para contestar o Poder Público quando este for desviado da sua verdadeira função – que é a de servir exclusivamente ao povo, e não aqueles que o representam – que O PROGRESO DO TOCANTINS começa a sua caminhada em terras tocantinenses (O PROGRESO DO TOCANTINS, 30 de julho a 05 de agosto de 1990, nº1, p. 01).

Além do discurso apresentado no editorial, outras motivações levaram a implantação do tradicional jornal de Imperatriz com outra roupagem para a cidade de Araguaína. Segundo o proprietário do jornal *O Progresso*, Sérgio Godinho (2019), o contexto político e econômico da época apresentava a cidade de Araguaína como um local profícuo para a instalação de um impresso, pois no final da década de 1980 havia dúvida sobre onde seria a capital do novo estado. A aposta do empresário era que Araguaína seria a sede do governo do Tocantins. Por isso, ele começou a articular a criação do impresso no município. Porém, Palmas foi escolhida para ser a capital do Tocantins logo após uma experiência inicial em Miracema (TO). Não havia condições econômicas e nem viabilidade a curto prazo para inaugurar um jornal impresso em uma localidade que começava literalmente a ser arquitetada, em que havia poucos moradores. Dessa forma, foi mantida a ideia de iniciar o trabalho em Araguaína como se havia previsto. Além do mais, o município era o mais próximo de Imperatriz onde o jornal era impresso. Em outras palavras, *o Progresso do Tocantins* foi fundado devido à divisão do estado do Goiás, oportunidade vista pela direção do veículo do Maranhão para levar a expertise de já 20 anos em terras maranhenses para o Tocantins e liderar a corrida jornalística no novo estado.

Voltando a edição nº1, encontramos nela a seguinte manchete: “Preso estuprador de menor” e outras duas chamadas de capa “IBAMA cadastra moto-serras” e “Norte-Sul é necessária para o progresso do Tocantins”. Destacamos que naquela época abaixo dos títulos de capa havia bastante texto, motivo pelo qual haviam poucas chamadas. Pelo teor do conteúdo dessa semana, observamos o jornal já se posicionando como inserido dentro

da dinâmica da rotina de Araguaína e cidades vizinhas e articulando o próprio nome do veículo a títulos de matérias em uma tentativa de reforço da identidade.

Segundo dados do primeiro expediente, o veículo tinha como editor Reynaldo Cruzeiro, redatora Dalira Pereira de Souza e gerente comercial Mônica Costa Melo. Observando a primeira edição é possível encontrar outros nomes como: Helder Peixoto, atuando como colunista; Ferdinando Campos de Mello colaborando com artigo na editoria de opinião; Illya Nathasje entrevistando o governador Siqueira Campos; Cida com a coluna “Em Sociedade”; Marcelo e Humberto assinando charges sobre fábricas no Tocantins e Juredo com coluna sobre assuntos gerais. Destes nomes podemos certificar Juredo tratava-se de Jurivê de Macedo, um dos fundadores do jornal *O Progresso* de Imperatriz, mas nascido em Porto Nacional, então Goiás. Ele faleceu em 2010, deixando uma rica trajetória de livros e histórias, considerado um dos maiores jornalista de Imperatriz. Por sua vez, Illya Nathasje continua atuante no veículo do mesmo grupo que hoje tem filial apenas em Imperatriz no Maranhão. Sobre os outros nomes não obtivemos informações e nas nossas entrevistas procuramos aprofundar em questões mais estruturais do veículo, tendo em vista que até o presente momento não havia qualquer informação documentada sobre esse capítulo da história do *Progresso*.

Imagem 01 - Capas das duas primeiras edições do Progresso do Tocantins (1990)



Fonte: Acervo do Jornal O Progresso em Imperatriz

O jornal possuía 10 páginas contendo editoriais como: Opinião, Cidade, Entrevista, Memória, Diversão e Lazer e Estado. Era preto e branco com poucas fotografias e muito texto. Naturalmente, o jornal na nova cidade seguiu os passos de buscar uma ‘expressão regional’ assim como ocorria em Imperatriz. Por isso, é perceptível matérias de várias cidades do interior ao redor de Araguaína. Desse modo, vemos a proximidade geográfica, conforme sinaliza Aguiar (2016) como critério de noticiabilidade do *Progresso do Tocantins*. Por exemplo, na edição nº2 de 06 a 12 de agosto de 1990, o jornal traz na capa a chamada “Governador inaugura asfalto em Arapoema”, noticiando a realidade de uma cidade pequena a 146 km de Araguaína. Talvez há quem considere a cidade acima nem tão próxima assim, porém outros critérios atuam para ela ser contida na área de cobertura do *Progresso do Tocantins*, como o desejo deste veículo de abarcar e influenciar municípios, realidade semelhante a verificada por Bueno (2013) em outros estados.

Sobre a rotina do veículo, o proprietário Sérgio Godinho (2019) conta que o impresso enfatizava mais as notícias do fim de semana, e ele mesmo lia a versão final do jornal, enviando-o em seguida por ônibus para Araguaína. Ou seja, o jornal tinha equipe em Araguaína com sede, porém a parte de diagramação e finalização era realizada em Imperatriz.

Eles faziam a matéria lá e mandavam pelo ônibus, naquela época não tinha internet, vinha pelo ônibus tudo, tudo escrito datilografado. Não tinha computador não. As matérias vinham pela Transbrasiliana durante a semana, praticamente todo dia vinha as matérias de lá e o jornal era impresso aqui (GODINHO, 2019, s/p).

Em tempos em que o jornal impresso perde força diante dos avanços da internet e das imensas possibilidades de comunicação e deslocamento de notícias, o relato é um registro de um período em que o impresso vencida as distâncias geográficas e econômicas por ser referencial diante a escassez de informações. De acordo com Godinho (2019), durante toda a trajetória do jornal até 1997, suas páginas variaram entre 8 a 12 páginas e com a implantação do fax na sede do veículo em Araguaína ficou mais ágil o envio de matérias para Imperatriz. Ao total, eram impressos 2000 mil exemplares que eram distribuídos em órgãos e vendidos em bancas. O material que não era vendido era entregue dois dias depois à população gratuitamente como estratégia do veículo de fazer

nome e auto divulgar-se. O proprietário relembra ainda que nunca foi estratégia da direção tornar o *Progresso do Tocantins* diário, justamente por ele estar integrado em uma cidade menor que Imperatriz, o que rendia pouco assunto.

Ao conversar com o proprietário Godinho, percebemos o quanto é difícil encontrar fontes para recontar a história do veículo, pois a maioria da equipe morava em Araguaína. Illya Nathashe é uma das referências, porque continua atuando no *Progresso de Imperatriz*, e participou das atividades em Araguaína:

Em Araguaína eu ia lá toda semana, eu tentava fazer o comercial de lá daqui. O Adalberto Franklin cuidou um bom tempo para gente em Araguaína. Nós tivemos um problema que a Dalira que era nossa editora lá, ela era do Mato Grosso, resolveu voltar e aí o Adalberto ajudou a gente lá um tempo (NATHASHE, 2019, s/p).

Neste trecho, Illya lembra de Adalberto Franklin, historiador e jornalista de Imperatriz, falecido em 2017, personagem importante da cena imperatrizense que contribuiu também para o avanço da imprensa do estado vizinho. Illya também contou como o jornal com sede em Araguaína tornou-se referência para a região e lugar de embates políticos. Segundo ele, Joaquim de Lima Quinta foi interventor na prefeitura de Araguaína, nomeado pelo governador Siqueira Campos. Todavia, o interventor concedeu entrevista ao jornal na qual declarou que “eu estou interventor, mas não devo o cargo ao Siqueira, se ele quiser o cargo é dele, ele pode me tirar a hora que quiser” (NATHASHE, 2019, s/p). O trecho recebeu destaque na capa e chegou ao conhecimento do governador que no dia seguinte à publicação estava em Araguaína destituindo o interventor. No site da Câmara Municipal de Araguaína⁴ consta que Joaquim de Lima Quinta atuou como interventor entre dois de abril a 25 de novembro de 1990. Mais do que aprofundar-se neste acontecimento, queremos sinalizar a importância política do veículo para todo o estado, motivo este que ironicamente levaria ao fim do veículo.

Segundo Sergio Godinho (2019), em 1997, o grupo conseguiu vislumbrar boas motivações para fundar um jornal diário em Palmas. Era a oportunidade de solidificar-se na capital do mais novo estado do Brasil, conforme sonhara no início da década de 1990. As relações políticas e econômicas com o Governo do Estado e o já avançado desenvolvimento estrutural da cidade facilitaram a instalação de uma nova sede do

⁴ <http://araguaina.to.leg.br/municipio/prefeitos/>

Progresso em Palmas. Mas foi justamente esta decisão que levou o jornal *O Progresso do Tocantins* a seu encerramento em Araguaína. De acordo com Godinho (2019), não era possível manter financeiramente dois jornais naquele momento, tendo escolhido, portanto por fundar o *Diário Tocantinense* no ano de 1997.

O nome do jornal em Palmas era Diário Tocantinense, não quis manter o mesmo nome (...). Comprei máquinas, estruturei o jornal lá todinho. Comprei máquina, impressora, computadores, tinha uma sede, contratei jornalistas formados. Equipe, subeditora, três repórteres, colunista social, dois diagramadores, na parte de oficina tinha quatro pessoas. Uma faixa de umas doze pessoas (GODINHO, 2019, s/p).

Esse novo capítulo do avanço do jornal maranhense por terras tocantinenses teve breve duração. Em 1999, o veículo foi vendido por Sergio Godinho que decidiu retornar para Imperatriz e dedicar-se exclusivamente ao jornal local. Atualmente, a ligação do jornal *O Progresso* em Imperatriz com o estado do Tocantins se dá por meio de uma editoria intitulada “Tocantins” na qual são veiculadas notícias de Araguaína e cidades vizinhas.

Novas direções

Acreditamos que com este trabalho lançamos luz sobre um capítulo nunca registrado sobre a história do diário mais antigo da cidade de Imperatriz: a expansão dele em terras tocantinenses, especificamente em Araguaína. Isto demonstra a competência jornalística do grupo que fincou laços no Maranhão e que ousou realizar o mesmo trabalho dedicado no estado vizinho. Percebemos também como a situação geográfica, política e econômica pode interferir na fundação de um veículo e que a aposta no momento e lugar certo pode resultar na permanência do meio. Acreditamos que se, a iniciativa desde o princípio, tivesse ocorrido na cidade de Palmas, talvez hoje teríamos um grupo consolidado nesta capital.

Consideramos também que a existência do *O Progresso do Tocantins* em Araguaína foi um vetor potente na comunicação daquela cidade, atraindo a atenção de políticos e investidores para o olhar do veículo sobre a região. Por lá, durante sete anos, semanalmente, apesar das dificuldades para impressão, o jornal circulou sem interrupção cumprindo o papel que levantou no primeiro editorial: a defesa dos direitos dos cidadãos.

Além disso, caracterizamos o veículo como de expressão regional, porque atendeu durante a sua circulação os critérios de Deolindo (2016) como a definição das áreas de cobertura e exploração de receitas, além de preencher a lacuna com informações de interesse daquela região, objetivo que não cabia ao jornal com sede no território maranhense.

Temos ciência que por meio destas páginas não foi possível registrar toda a história e pormenores da trajetória deste veículo, e nem esta foi nossa proposta. Porém deixamos aqui os primeiros indícios de uma história que necessita ser reconstruída por diversos ângulos de pesquisa. Todas as edições do *O Progresso do Tocantins* estão encadernadas e guardadas na sede do jornal *O Progresso* em Imperatriz prontas para serem consultadas. Pesquisadores de todas as áreas podem ali encontrar uma fonte rara para entender a história política, econômica e social de Araguaína; os principais embates políticos durante os primeiros anos do novo estado do Tocantins; a rotina de produção daquela época; a atuação dos jornalistas e toda equipe envolvida no veículo; e a relação entre os dois estados mediada em muitos momentos, pelo próprio veículo.

Referências

AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo:** Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornal do Interior:** conceitos e preconceitos. In: ASSIS, Francisco de. (Org.) *Imprensa no interior: conceitos e contextos*. Chapecó: Argos Editora Unichapecó, 2013.

CARVALHO, Rhaysa Novakoski. **O desenho de uma trajetória:** design editorial nos jornais diários de Imperatriz (MA), de 1979 a 2013. 140f. Monografia (graduação). Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz: UFMA, 2016.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. **Regiões jornalísticas:** uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense. Tese (doutorado). 361f. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

_____. Cidade e indústrias de mídia: distinções entre metrópole e interior. In: *Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Uerj, 2013.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo comunitário em cidades do interior:** uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores. Porto Alegre: Sagra Suzzato, 2004.

_____. **Localismo nos jornais do interior.** In: Revista Famecos, v. 17, n° 03, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8191>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2018.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, Francisco de (Org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos.** Chapecó: Argos, 2013.

GODINHO, Sergio. **Entrevista** [Fev. 2019]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. Imperatriz: Jornal *O Progresso*, 2019.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para história econômica de Imperatriz.** Imperatriz: Ética, 2008.

NATHASHE, Illya. **Entrevista** [Fev. 2019]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. Imperatriz: Jornal *O Progresso*, 2019.

O PROGRESSO DO TOCANTINS, Araguaína, ano 01, n. 01, 30 de julho a 05 de agosto de 1990.

O PROGRESSO DO TOCANTINS, Araguaína, ano 01, n. 02, 06 a 12 de agosto de 1990.

PINTO, Pâmela Araújo. **Mídia regional brasileira: Características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul.** 2015. Tese (doutorado). 337 f. Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2015.

SANCHES, Edmilson. Imprensa Escrita. In: **Imperatriz: 150 anos.** Imperatriz: Academia Imperatrizense de Letras, 2002.

SANTOS, Milton. **Classificação funcional dos jornais brasileiros – As regiões jornalísticas (1955).** Noticiários da Rede Alcar. ano 7, n. 83, nov. 2007.